

A FRONTEIRA DE SERPA NO SÉCULO XVIII: FORTIFICAÇÕES E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

António Martins Quaresma

*Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades
/ Universidade de Évora*

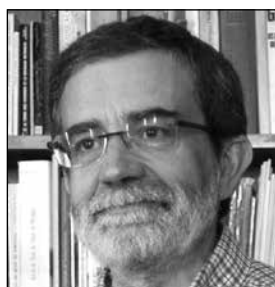
João Carlos Garcia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto



António Martins Quaresma

É doutor em História, com uma tese sobre os pequenos portos do Litoral Alentejano. Tem feito pesquisa sobre diversos temas: história portuária, organização do território e urbanismo.



João Carlos Garcia

Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Investigador do Instituto de Historiografia Julio Caro Baroja da Universidad Carlos III de Madrid.

RESUMO

O rio Chança, importante afluente do troço final do Guadiana, constituiu uma linha de delimitadora entre Portugal e Castela, desde o século XIII. Na realidade, trata-se de uma linha fronteiriça de carácter natural, utilizada, não porque o curso de água constituísse qualquer grande obstáculo físico ou separasse realidades económicas,

sociais ou culturais diferentes, mas porque era funcional nas paralelas avançadas da reconquista por parte dos Estados cristãos ibéricos.

Em 1707, aquando da Guerra da Sucessão de Espanha, foi através da fronteira do Chança que o exército do Duque de Osuma introduziu o seu exército em Portugal, para atacar as praças de Serpa e Moura, a primeira dotada de um pequeno forte abaluartado, do tempo da Guerra da Restauração (1640-1668), mas sustentando a sua defesa nos velhos muros medievais; a segunda sobretudo defendida por uma cerca abaluartada, também construída no século XVII.

Depois de alguns meses ocupadas, as duas vilas e praças foram evacuadas pelos exércitos espanhóis, não sem antes terem feito explodir parte das suas obras defensivas. Finalizada a guerra, somente Serpa foi beneficiada com algumas obras na fortificação, apesar de tudo muito sumárias. A reconstituição deste processo histórico é feita a partir de fontes textuais e de cartografia militar coeva, portuguesa e espanhola, de grande escala, que permitem estabelecer as etapas dos acontecimentos e a relação entre as linhas defensivas levantadas e a estrutura das manchas construídas dos núcleos populacionais.

1. O curso do rio Chança, nos seus sectores médio e final, constituiu, desde meados do século XIII, uma linha divisória entre os reinos de Portugal e Castela, reconhecida em ambos os lados da fronteira, onde não se verificaram disputas como, um pouco a norte, nas terras da “contenda” de Moura e Aroche. Na realidade, trata-se de uma delimitação de carácter físico, utilizada, não porque o rio (ou ribeira) constituísse qualquer grande obstáculo ou separasse realidades económicas, sociais ou culturais diferentes, mas porque era funcional, nas avançadas da *Reconquista* por parte dos Estados cristãos.

Unificados os Estados ibéricos, pacificados velhos conflitos e iniciada a expansão ultramarina, duas cidades surgem como “capitais” do processo de colonização: Sevilha e Lisboa. Paralelamente à sua ligação marítima, existiu desde cedo, uma esquecida mas importantíssima ligação terrestre, que cruzava diagonalmente a Andaluzia ocidental e o Baixo Alentejo, numa direção sudeste-noroeste, desde Sevilha, por Niebla, Paymogo, Serpa, Beja e Alcaccer

do Sal, até atingir Lisboa. Entre Paymogo e Serpa atravessava o Chança¹. São vários os textos e os mapas que permitem reconstituir a estrada (e as suas variantes) e identificar os lugares de passagem, como o *Repertório de todos los caminos...* de Pero Juan Villuga, de 1546, o *Guia de caminos para ir y venir por todas las provincias...* de Pedro Pontón, de 1705, o *Itinerario Español ó Guia de Caminos...* de José Matías Escrivano, de 1760, ou ainda a *Carte d’Espagne et de Portugal*, de Louis Brion de la Tour, de 1774.

Em 1687, o sacerdote italiano Domenico Laffi, em viagem de Pádua para Lisboa, movido pela veneração do “berço” de Santo António, e daí a Santiago de Compostela, passou junto a Niebla, seguindo por Gibraleón, San Bartolomé de la Torre, Alosno, Puebla de Guzmán e, finalmente, Paimogo, última povoação de Castela, onde existia uma fortaleza sobre uma colina. Ao entrar em Portugal, deteve-se a descrever a paisagem: “De Paymogo entra-se no Reino de Portugal. Daí a Aldeia [Nova], primeiro lugar em território português, são 3 léguas, sempre por bosques sem estradas e sem casas, e quase sem vestígios de caminho, passando por montes, valões sem água, coisa que mete medo a qualquer viandante. De Aldeia [Nova] a Serpa são 3 léguas; este é um lugar grande, delicioso.”²

2. O lado português deste troço de fronteira correspondia, em grande parte, ao concelho de Serpa. Desde a Idade Média, a vila assumira relevante papel militar, com a construção de um poderoso sistema defensivo no reinado de D. Dinis, reforçado nos reinados seguintes e observável na planta e nas “vistas” desenhadas por Duarte Darnas, no início do século XVI. Mas, a fortificação edificada durante a Guerra da Restauração (1641-1668) foi a que chegou ao século XVIII, ao tempo em que se travaram os recontros da Guerra da Sucessão de Espanha (1701-1714).³

(1) Marcando-se a linha de fronteira pelo leito do Chança, o aproveitamento das águas pelos moinhos, por exemplo, obedecia a acordo tácito entre as populações portuguesas e espanholas, uma vez que os respectivos açudes tinham de ser construídos de margem a margem (cf. Moreno, coord., I, 2003, pp. 47-50).

(2) Cusatis, 1998, p. 53.

(3) Quaresma, 2017 (Março), p. 8; 2017 (Abiril), p. 8.

Com efeito, já em pleno domínio das armas de fogo nos confrontos bélicos, houve projectos e algumas obras para modernizar a fortificação, tida como importante não só para a defesa da área fronteiriça que lhe correspondia, como ainda para tolher o passo ao inimigo que se quisesse internar no território na direcção de Beja e de Lisboa. Assim aconteceu na última fase da referida Guerra da Restauração, face a diversas razias levadas a cabo, quer por grupos de milícias espanholas contra as aldeias e vilas portuguesas raianas, quer por correspondentes grupos armados portugueses contra núcleos de povoamento na serra, no Andevalo e na costa onubenses (ver Fig. 1)⁴.

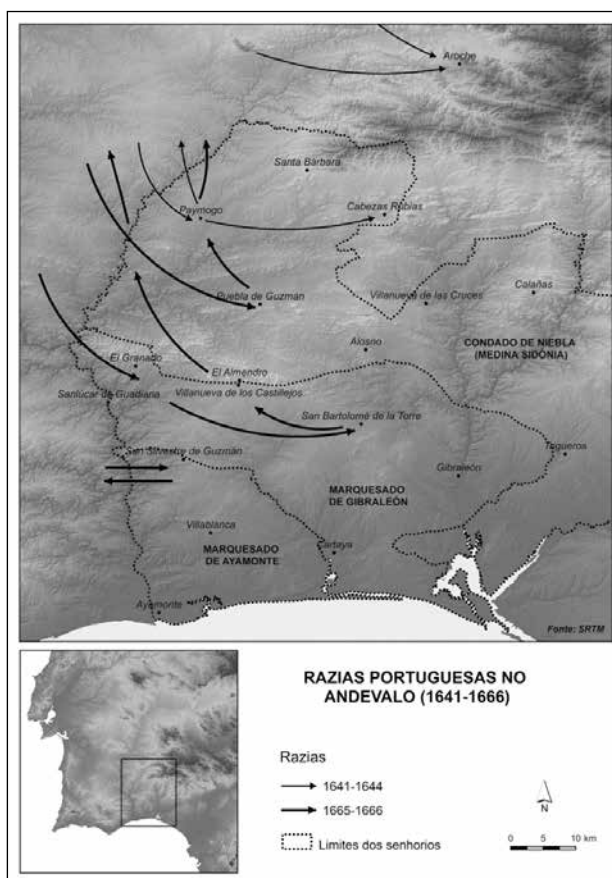


Fig. 1 – Razias portuguesas no Andévalo (1641-1666).

(4) Ver Núñez Roldán, 1983, Garcia, 2012 e Borges, 2015. Queremos agradecer à Prof.^a Laura Soares e ao Dr. Pedro Gonçalves a concretização gráfica do mapa histórico que divulgamos.

Nesse contexto, engenheiros como Nicolau de Langres (?-1665) e, possivelmente, Pierre de Sainte-Colombe (fl. ca.1648-1663), projectaram para Serpa, uma grande fortificação abaluartada que incluía a antiga cerca medieval (ver Fig. 2 e 3), mas os objectivos foram escassamente cumpridos. Durante boa parte da guerra, as obras defensivas limitaram-se a entricheiramentos, nomeadamente em faxina.

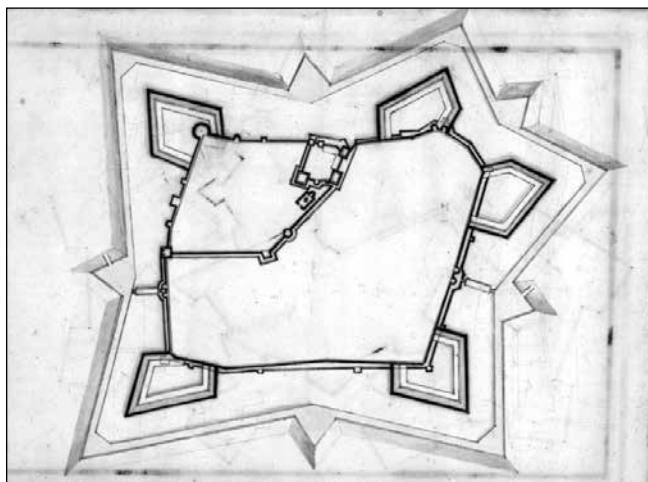


Fig. 2 – [Serpa] in *Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal...* por Nicolao de Langres, ca. 1661
Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Reservados, Cod. 7445, fl. 22.

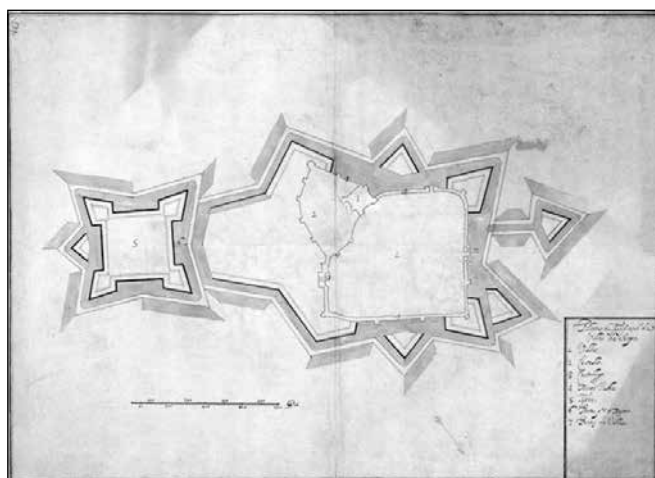


Fig. 3 - *Planta da Fortificação da Villa de Serpa*, ca. 1668.
Viena, Osterreichische Nationalbibliothek, Kartensammlung, Atlas Stosch, n° 509.

O projecto, sob o provável traço de Pierre de Sainte-Colombe, de ca. 1668, previa, além da cerca abaluartada, a construção de um forte de quatro baluartes, sobre um padastro exterior à cerca medieval, como uma espécie de cidadela. Ambos os projectos pressupunham a demolição de boa parte dos arrabaldes da vila, à semelhança do proposto para Moura. No caso de Serpa, o início das demolições do edificado existente para a fortificação, em especial na proximidade da igreja do Salvador, originou grande oposição dos moradores e aquelas acabaram por ser suspensas⁵. O “forte” iniciado nesse local, certamente um baluarte, foi interrompido. Apenas se construiu uma tranqueira, junto à Porta de Sevilha, no Corro, e, já perto do fim do conflito, por ordem do Conde de Schomberg (1615-1690), então Mestre de Campo General do Alentejo, um forte moderno, de quatro baluartes, no outeiro de São Pedro. Schomberg referia que Serpa era difícil de fortificar, por se encontrar rodeada de padastros e por ter arrabaldes maiores que o próprio centro muralhado⁶. Em Julho de 1664, o forte estava terminado, mas o 1º Marquês de Marialva já dizia que ele não tinha capacidade para defender a vila, sendo necessário fortificá-la⁷, uma referência, por certo, a um projecto de abaluartamento. A guerra acabou sem que mais nada se fizesse.

No sistema geral de enfrentamento de praças ao longo da faixa fronteiriça, Serpa encontrava-se “emparelhada” com Aroche e com Paimogo, do outro lado da fronteira, como considerava Manuel de Melo, governador de Serpa. Paimogo foi dotado de um forte abaluartado, em 1642, no interior do qual ficou incluída a igreja paroquial⁸. De notar que a fortificação defendia o caminho para Puebla de Guzmán, para o litoral onubense e para Sevilha.

3. Entrado o século XVIII, a guerra reacendeu-se na fronteira, desta vez no complexo quadro internacional da já referida Guerra da Sucessão de Espanha. Em 1704, iniciaram-se as hostilidades e, mais uma vez, como no anterior conflito, verificam-se correrias de um e outro lado da raia. Em Portugal, po-

(5) Cf. Borges, 2015, p. 267.

(6) Coelho, vol. III, 1940, p. 123. A expansão da área construída fora das muralhas de Serpa é bem visível nas “vistas” do *Livro das Fortalezas* de Duate Darmas, de 1509.

(7) Coelho, vol. III, 1940, p. 322.

(8) AHMS, Livro de Actas da Câmara, AB 1, fls. 8v, 9 e 15.

voações como Ficalho e Aldeia Nova de São Bento foram afectadas imediatamente⁹. Do lado espanhol, deixou memória o ataque a Puebla de Guzmán, que se saldou pelo incêndio de 500 casas e o aprisionamento de vizinhos.¹⁰ No entanto, os principais confrontos verificaram-se no triângulo geo-estratégico Elvas – Campo Maior – Badajoz¹¹.

A operação militar mais significativa, com planeamento antecipado, que exigiu concentração e articulação de meios, pertenceu ao exército espanhol, que, na Primavera de 1707, sob o comando de Francisco Téllez-Girón, 6º Duque de Osuna, atacou e ocupou Serpa e Moura. Não se tratou de mera incursão predatória, como era frequente: esta acção teve como objectivo estratégico criar uma “área tampão” na margem esquerda do Guadiana, para evitar ataques à Andaluzia, a partir das praças de Moura e Serpa, e numa segunda fase ocupar Beja¹². A passagem dos corpos militares fez-se, naturalmente, pelos antigos caminhos, que atravessavam o Chança e a Serra de Serpa. Um relatório de Antonio Gaver, de 1750, menciona, aparentemente um pouco a sul de Corte do Pinto, o vau da “carretera llamada de el Marques de Villadarias”, por onde este passou a artilharia que trouxe de Puebla de Guzmán, durante os conflitos.¹³

Tomando a guerra um rumo diferente, o exército espanhol acabou por retirar menos de um ano depois, aliás no meio de várias e crescentes dificuldades. Em Julho de 1707, os ocupantes sentiam a hostilidade dos paisanos de Serpa, que conspiravam para os expulsar e subsistiu uma espécie de desgastante guerrilha portuguesa, que prejudicava o abastecimento de víveres às tropas espanholas. Por essa altura, o governador militar de Serpa relatava uma emboscada a um comboio de víveres espanhol, perto de Aldeia Nova, em que os portugueses trataram os inimigos de forma desumana, já depois de feitos prisioneiros, sinal da crescente crueldade que acompanhava as acções militares. De facto, a imagem que os espanhóis tinham criado do inimigo por-

(9) Cf. QUARESMA, 2016, pp. 114-119.

(10) García García & González Díaz, 2011, p. 44.

(11) Cayetano Rosado, 2013.

(12) García García & González Díaz, 2011, pp. 62-64. Também o raiano castelo de Noudar, de obsoleta fortificação e mal defendido, foi tomado no início das hostilidades pelo 2º Marquês de Villadarias (Cayetano Rosado, 2013, p. 45).

(13) Hevilla, 2001, p. [7].

tuguês era muito negativa, mas a opinião destes em relação aos espanhóis não era diferente.¹⁴

Em 19 de Junho de 1709, já retirado o inimigo da praça de Serpa, mas fazendo-se ainda sentir a ameaça espanhola nesta área fronteiriça, chegaram a Aldeia Nova, 20 paisanos provenientes de Jerez de los Caballeros e “[...] com los mayores enganos y traiciones [...] entraron en el lugar y lo saquearon en tal forma que non dejaram un trapo y acuchillaron algunas mujeres, y otras desnudaron y lleuaron 22 vestias, 6 mayores y 16 menores, todas cargadas de ropa y lleuaron también 20 reses bacunas”¹⁵. Estamos perante um grupo de civis que agia à margem das operações militares, mas, aproveitando-se delas, praticava acções de banditismo. Possivelmente, tratou-se de uma retaliação, na sequência de ataques e razias a Jerez de los Caballeros, durante esse período, a partir de povoações portuguesas localizadas mais a norte.

Decidida a retirada de Serpa e de Moura, o exército espanhol fez explodir parte das fortificações das duas praças, procurando diminuir-lhes a capacidade militar. Contudo, o resultado foi menor do que o desejado, por não existir pólvora suficiente. Não sendo possível uma ocupação mais demorada, tratava-se de impedir ou dificultar a utilização das infraestruturas. Em Serpa, os estragos mais visíveis verificaram-se no castelo, cuja torre de menagem foi derrubada com uma potente carga explosiva, e no ângulo sueste da cerca, onde se fez voar um lanço de muralha. Após a guerra, foi aí construída uma tenalha moderna.

Mais uma vez, tal como na Guerra da Restauração, foram os poderosos muros medievais que parecem ter tido um papel importante na defesa de Serpa. Do forte abaluartado existente sobre a elevação de São Pedro, não existe qualquer referência nas fontes consultadas. O General João de Almeida comenta, mesmo, embora sem citar fonte, que ele nunca teria sido guarnecido¹⁶.

(14) García García e González Díaz, 2011, p. 67.

(15) Cópia de carta de Bento Fernandes, alcaide de Aldeia Nova, com data de 21 de Junho de 1709 (AHN, Estado, Legajo 374, *apud*. García García e González Díaz, 2011, p. 77).

(16) Almeida, III, 1948, p. 276.

4. Logo que o exército português reocupou Serpa e Moura, foram levadas a cabo obras para lhes devolver alguma capacidade defensiva¹⁷. No caso de Serpa, foi edificada a citada tenalha no ângulo sueste da cerca medieval, que o engenheiro Miguel Luís Jacob (ca. 1710-1771) designa por “cauda de andorinha”, intervenção destinada a fechar uma brecha e a reforçar aquele ponto. Era constituída por duas faces, uma delas com flanco a modo de meio baluarte, formando um ângulo reentrante para a campanha. Tinha fosso e terraplano. Os vestígios dessa obra encontram-se hoje incluídos no casario, sendo visíveis alguns troços apenas no interior de quintais¹⁸, e a sua forma é facilmente observável em vista aérea¹⁹.

Nos trabalhos levados a cabo, distinguiu-se Manuel Lopes da Silva, que foi soldado de Artilharia, com participação em diversas operações militares em Espanha e em Portugal, durante o conflito, e Assistente do Quartel Mestre General do Alentejo para as obras de fortificação da província, sendo promovido a Capitão de uma Companhia de Mineiros, na sequência dos serviços prestados. Manuel Lopes da Silva é exemplo do papel dos práticos de fortificação, em situações de perigo iminente e de falta de recursos humanos²⁰.

Terminada a Guerra da Sucessão de Espanha, consciente da permeabilidade desta fronteira, a Coroa Borbónica decidiu elaborar um plano de vigilância e defesa da Andaluzia, que consistia em melhorar as fortificações e criar uma rede de quartéis de cavalaria. A solução de “corpos volantes” de cavaleiros, planeada pelo engenheiro Gerónimo Amici (16--1764) vinha permitir um controlo mais activo e mais eficaz do território.

Em toda a Andaluzia ocidental, com especial incidência nos lugares que podiam tolher o passo a invasores vindos de Portugal, foram projectados quartéis para corpos de cavalaria e novas fortificações. Entre outros, citem-se os

(17) Em 14 de Dezembro de 1708, D. João V nomeou Miguel Pereira da Costa sargento-mor engenheiro das fortificações do Alentejo, depois de ter servido na Praça de Moura, mas, em breve foi nomeado para o Brasil (Sepúlveda. VIII. 1919, pp. 566-568).

(18) Agrademos ao Sr. Armando Torrrão, que nos permitiu o acesso ao quintal de sua casa.

(19) Quanto ao forte seiscentista, tomado pela ruína, já em fins do século XVIII haveria de ser arrasado para dar lugar a um novo bairro de Serpa, na primeira metade do século XX.

(20) Sepúlveda, VII, 1913, pp. 216-219.

casos de Paimogo e de Puebla de Guzmán, importantes pontos de passagem na via Sevilha-Lisboa, como deixámos dito (Fig. 4). De facto, o reconhecimento do espaço português da bacia do Chança foi efectuado por Gerónimo Amici, que elaborou um *Memorandum* anexo ao projecto do novo forte em Paimogo, de 1738. Esta fonte foi publicada por Guillermo Duclos Bautista, autor que tem analisado as fortificações raianas de um lado e de outro da fronteira, com utilização de cartografia espanhola e portuguesa.²¹ Amici refere no texto os quatro vaus (*vados carreteros*), existentes no leito do Chança, os seus moinhos e os lugares abertos, isto é, sem fortificação, e o volume populacional de cada um deles (Ficalho, Aldeia Nova, Pias, Brinches e Corte Pinto).²² A informação encontra-se incluída no *Mapa de la frontera de Portugal Pertenecyente al Condado de Nyebbla, y Syerra, en el Reyno del Andalvcya*, na escala de ca. 1:100.000, com data de 15 de Março de 1741 (Fig. 5).²³

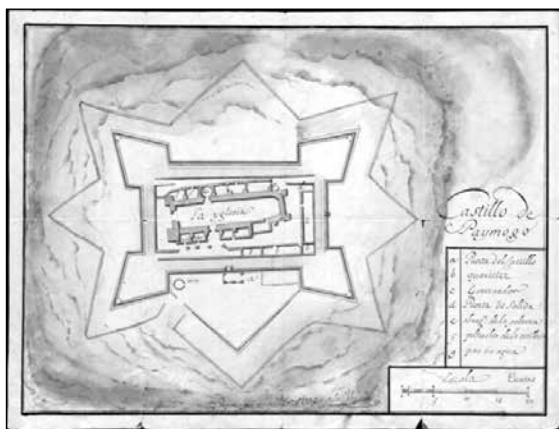


Fig. 4 – Castillo de Paymogo, por Carlos Voysin, 1735. Segóvia, Archivo General Militar de Segóvia, sec. 3.ª, div. 3.ª, legajo 59, 1/6.

(21) Cf. Duclos Bautista, 2002; 2014.

(22) Duclos Bautista, 2002, pp. 278-280.

(23) Archivo General de Simancas. Signatura: MPD, 60, 042. Online: Catálogo Colectivo de la red de Bibliotecas de los Archivos Estatales, <http://www.mcu.es/ccbae/es/consulta/registro.cmd?id=178287> (accedido em 12 de Janeiro de 2016).



Fig. 5 - *Mapa de la Frontera de Portugal...*, por Gerónimo Amici, 1741 (pormenor).
Simancas, Archivo General de Simancas. Signatura: MPD, 60, 042.
Catálogo Colectivo de la red de Bibliotecas de los Archivos Estatales, <http://www.mcu.es/ccbae/es/consulta/registro.cmd?id=178287> (acedido em 12 de Janeiro de 2016).

Do lado português e no que respeita à fronteira alentejana com a Andaluzia, nada de semelhante é conhecido. Existem as plantas de Serpa, de Miguel Luís Jacob (ca. 1710-1771), datadas de 1755 e de 1757, e de João António Infante (fl. 1758-1809), de 1758, e o mapa à escala regional desenhado por Isidoro Paulo Pereira (1740?-1824), de 1796, intitulado *Ligeira configuração da raia da Província do Alentejo*.²⁴ Nele está marcada uma Atalaia do Rolão, a sul de Aldeia Nova, o que sugere preocupações com a defesa mas, no conjunto, não se conhece qualquer projecto de melhoria, como os que encontramos do lado espanhol. Pode assim dizer-se que, em toda a área em análise, ao esforço português de fortificar a fronteira, realizado no século XVII, correspondeu um

(24) Lisboa, Direção Geral do Território, Museu Virtual, Cartografia Antiga, CA195.

esforço semelhante por parte de Espanha, no século XVIII, ainda que muito do que foi projectado não se tenha realizado²⁵.

Miguel Luís Jacob nasceu em Lisboa, de uma família de origem francesa. Formado em Portugal, na escola de engenharia militar, decerto foi marcado pela renovação promovida pelo Engenheiro-mor Manuel de Azevedo Fortes (1660-1749), enquadrando-se no perfil do técnico residente no estaleiro de fortificação, durante décadas²⁶. São particularmente conhecidos os seus desenhos das praças do Alentejo, província onde iniciou a sua carreira, como ajudante de fortificação. O GEAEM/DIE possui diversos desenhos sobre a praça de Serpa, traçados durante as visitas gerais de 1755 e 1757, dois deles assinados por Jacob (Fig. 6).

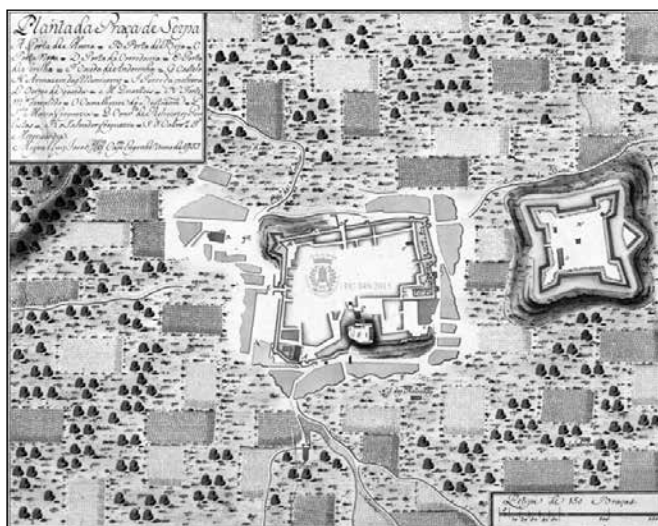


Fig. 6 - Planta da praça de Serpa por Miguel Luiz Jacob, 1757
Lisboa, Direção de Infra-Estruturas do Exército Português / Gabinete de Estudos
Arqueológicos de Engenharia Militar. 3574/II-3-32-44.

(25) Em Noudar, do lado português mais a norte, ainda foi projectado mas não construído, um 'reducto' no "[...] padastro onde o inimigo na guerra passada elegeu contra a Praça as suas Baterias." (Lisboa, Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, da Direção de Infra-Estruturas do Exército Português, GEAEM/DIE). Miguel Luís Jacob, *Planta da Praça de Noudar*, 1755 (3247/I - 2-21A-105).

(26) Sobre este engenheiro ver Conceição, 2011.

Estas plantas, de tipologia semelhante, figuram a cerca medieval, a mais recente obra – “a cauda de andorinha”, no ângulo apontado ao Rossio do Salvador –, e o forte de quatro baluartes contruído durante a Guerra da Restauração. Os arruamentos estão apenas esboçados, em função das portas e dos muros, e, mesmo, da identificação de algumas instituições públicas. O espaço envolvente também está figurado, como aconselhava Azevedo Fortes, no seu tratado *O Engenheiro Português* (1728-1729), localizando edifícios religiosos, como as ermidas periurbanas e o convento e a igreja de São Francisco, e o início das estradas para Moura, Mértola e para a “Barca”, na direcção do rio Guadiana, por onde se seguia para Beja. Comparando os diversos exemplares manuscritos, as legendas apresentam pequenas variantes. A da planta datada de 1757, referindo-se ao forte abaluartado, di-lo “forte muito demolido”.²⁷ Parte dos desenhos estão, mais ou menos, por acabar, em especial o que foi riscado por João António Infante, que foi praticante de número da Academia Militar da Província do Alentejo e, posteriormente, Ajudante de Engenheiro. Existem outras cópias destes desenhos, como a que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal, sem data mas certamente mais tardia.²⁸ Estas plantas não contêm, todavia, qualquer proposta de alteração ou melhoria da fortificação. Nas visitas de inspecção que lhes deram origem, o “cartógrafo” limitava-se a registar o existente.

As notícias relativas à fortificação moderna de Serpa e de Moura, da segunda metade do século XVIII, dão conta de muitas ruínas, sugerindo a inexistência de cuidados em mantê-la operacional.²⁹ Em 1798, o Barão de Wiederhold (1757-1810) que acompanhava o Príncipe de Waldeck (1744-1798) em viagem de reconhecimento militar pelo sul do País, admirou as muralhas medievais de Serpa e as “belíssimas ruínas” produzidas pela explosão de 1708, mas acrescentava, que o novo bastião existente a sueste já estava desmoronado, que o forte também havia explodido e, quanto a armamento, existiam 500 espingardas velhas e inutilizadas e oito peças de artilharia das quais apenas algumas disparavam³⁰. A posição periférica deste troço da raia poupou-a, de

(27) GEAEM/DIE, 3574-II/3-32-44.

(28) Biblioteca Nacional de Portugal, Iconografia, D. 344 A.

(29) Para Moura, ver Macias & Gaspar, 2005, pp. 26 e 33.

(30) Guedes, 1992, pp. 179-180.

facto, a mais confrontos. Com efeito, nem a Guerra Fantástica (1762-1763), nem a Guerra das Laranjas (1801) tiveram consequências na área em análise.

Na preparação da última, o erudito espanhol José Cornide (1734-1803) anotou num dos seus escritos, no fim de Setecentos: “está cercada de muros de pouca consideração com cinco portas [...] e tem um castelo antigo mas forte.”³¹ Mais uma vez se sublinha o poder dos muros medievais, ou o que deles restava, depois da passagem do exército espanhol, em 1707-1708, castelo sem dúvida obsoleto, mas que impressionava os visitantes.

Ainda sobre a Guerra das Laranjas, tão significativa em termos fronteiriços noutros lugares, especialmente no caso de Olivença, o Governador da praça de Serpa compareceu na reunião da Câmara Municipal, em 30 de Maio de 1801, e informou que eram necessários 50 vigias para assegurar a defesa da vila e do termo. Em 19 de Fevereiro de 1802, a Câmara de Serpa era avisada “para ter vigias pagas pelo concelho”, por o inimigo andar na região de Santo Aleixo e Mourão, o que levou à sua organização. Porém, no mês seguinte, foram mandadas retirar, por o inimigo ter abandonado as áreas mais próximas do município.³² O papel militar de Serpa, como de outras praças alentejanas, estava a chegar ao fim. Ao abandono da sua fortificação, há muito verificado, juntou-se a extinção do Regimento de Infantaria de Serpa, no final da Guerra Civil, em 1834 (Fig. 7).

(31) Abascal & Cebrián, 2009, p. 851.

(32) Cabral, 1971, p. 139.



Fig. 7 - Soldados do Regimento de Infantaria de Serpa (século XVIII).
Madrid, Biblioteca Nacional de España, Biblioteca Digital Hispânica, Divisas de los Regimientos de Infanteria e Caballeria del Reino de Portugal, MSS/10043.
Online: <http://bdh.bne.es/bnesearch/detalle/bdh0000060236>
(acedido em 20 de Janeiro de 2019).

5. Até ao último quartel do século XX, a “fronteira do Chança”, também como limite do município de Serpa foi uma fronteira fisicamente agreste, com alguns caminhos e vaus, mas sem pontes nem barcas, frequentada por moleiros, malhadeiros e pastores, e por contrabandistas, guardas fiscais e carabineiros. Apenas a rede dos isolados postos fiscais e casetas, onde viviam os funcionários e os militares e as suas famílias, vivificava a faixa raiana à escala local. Assim foi durante as décadas dos regimes de Salazar e Franco, até à entrada dos Estados ibéricos na Comunidade Europeia e à abolição das fronteiras políticas. Com a desactivação dessa rede de estruturas desapareceram as últimas valências militares e o espaço já periférico desertificou-se em extremo (Fig. 8).



Fig. 8 - Vau no rio Chança a jusante do Molino de la Laguna (Paimogo).

Só já entrado o século XXI, no ano de 2012, foi inaugurada uma ponte rodoviária, que passa o Chança não longe do lugar de São Marcos, ligando as sedes dos municípios de Serpa e Paimogo. Estudado e salvaguardado o património arquitectónico militar é agora possível a contextualização, o reconhecimento e a divulgação desta fronteira esquecida.

BIBLIOGRAFIA

Abascal, Juan Manuel; Rosário Cebrián, *Los Viajes de Jose Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madrid: Real Academia de la História, 2009.

Almeida, General João de. *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Tomo III. Lisboa, 1948.

Borges, Emília Salvado. *A Guerra da Restauração no Baixo Alentejo 1640-1668*. Lisboa: Colibri, 2015.

Cabral, João. *Arquivos de Serpa. Câmara Municipal*. Serpa: s.n., 1971.

Cayetano Rosado, Moisés. "Del asedio de Badajoz en 1705 al de Campo Maior en 1712". *Revista de Estudios Extremeños*, Tomo LXIX, Número III, 2013, pp. 1.717-1.738.

Coelho, M. P. Laranjo. *Cartas dos Governadores da Província do Alentejo a El-rei D. Afonso VI*. Vol. III. Lisboa, 1940

Conceição, Margarida Tavares da. "Os desenhos do engenheiro militar Miguel Luís Jacob e a cartografia das praças de guerra do século XVIII". *IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*. Porto, 2011.

Cusatis, Brunello de. *O Portugal de Seiscentos na "Viagem Pádua a Lisboa" de Domenico Laffi: estudo crítico*. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

DIAS, Maria Helena. *Finis Portugalliae. Nos confins de Portugal. Cartografia Militar e Identidade Territorial*. Lisboa: Instituto Cartográfico do Exército, 2009.

Duclos Bautista, Guillermo. *La fortificación de un territorio. Arquitectura militar en la raya de Huelva, siglos XVII y XVIII*. Huelva: Diputación Provincial, 2002.

Id. "La fortificación de la raya sur peninsular. Su caracterización en los siglos XVII e XVIII". *O Pelourinho* (Dir. Moisés Cayetano Rosado), n.º 18 (2.ª época), 2014, pp. 183-227.

Garcia, João Carlos. "O baixo Guadiana medieval: formação de uma fronteira". *Acta, ponencias y comunicaciones. III Colóquio Ibérico de Geografia*. Barcelona, Universitat de Barcelona, 1984, pp. 611-620.

Id. "Ardeu de modo que se via a luz em Sevilha: a razia portuguesa a Villanueva de los Castillejos em 1665". *Economia, Instituições e Império. Estudos em Homenagem a Joaquim Romero Magalhães*, coord. Álvaro Garrido, Leonor Freire Costa e Luís Miguel Duarte. Coimbra, Almedina, 2012, pp. 23-34.

García García, Francisco; Antonio Manuel González Díaz. *La Guerra de Sucesión en la Provincia de Huelva*. Huelva: Deputación de Huelva, 2011.

Hevilla, Maria Cristina. "Reconocimiento Practicado en la Frontera de Portugal, por el Ingeniero Militar Antonio Gaver en 1750". *Biblio 3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales* (Serie documental de *Geo Crítica*). Vol. VI, n.º 335, 20 de diciembre 2001. <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-335.htm>.

Macias, Santiago; Vanessa Gaspar. *Fortificações Modernas de Moura*. Moura: Câmara Municipal de Moura, 2005.

Menéndez Pidal, Gonzalo. *Los Caminos en la Historia de España*. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1951.

Moreno, Humberto Baquero (Coord.). *Demarcações de fronteira de Castro Marim a Montalvão*. Vol. I. Porto: Centro de Investigação e de Documentação de História Medieval, Universidade Portucalense – Infante D. Henrique, 2003.

Núñez Roldán, Francisco. "De la crisis de 1640 a la Guerra de Sucesión en la frontera luso-onubense. Las razzias portuguesas y sus repercusiones socio-económicas". *Actas II Coloquios de Historia de Andalucía. Andalucía Moderna, Córdoba 1980*. Córdoba, Publicaciones del Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Córdoba, 1983, pp. 117-130.

Núñez Roldán, Francisco. *En los confines del Reino. Huelva y su tierra en el siglo XVIII*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1987.

Quaresma, António Martins. *Vila Nova de São Bento: génese de uma povoação fronteiriça (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Colibri, 2016.

Id. "Serpa. Fortificação Moderna I". *Serpa Informação*, n.º 147, Março 2017, p. 8.

Id. "Serpa. Fortificação Moderna I". *Serpa Informação*, n.º 147, Abril 2017, p. 8.

Sepúlveda, Cristóvão Aires de Magalhães. *História Orgânica e Política do Exército Português. Provas*. Vol. VII. *História da Engenharia Militar Portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1913.

Id. *História Orgânica e Política do Exército Português. Provas*. Vol. VIII. *História da Engenharia Militar Portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919.